

# Albergues são rejeitados

Logo após todas as casas do Parque Vaquejada, em Ceilândia, serem derrubadas pelo Sistema Integrado de Vigilância do Uso do Solo (Siv-Solo), na última terça-feira, a Secretaria de Ação Social começou a agir. Cerca de 20 assistentes sociais conversaram com as famílias e ofereceram abrigo em albergues de Ceilândia para aqueles que não tinham para onde ir.

Segundo a Assessoria de Imprensa da secretaria, nenhum morador demonstrou interesse em se alojar nos albergues. Foi o caso da dona de casa Maria da Conceição da Silva. Ela conta que preferiu ficar na casa de um parente do que ir morar em um albergue. "Eu sei como é um albergue. Só vou para lá se não houver outra opção", afirmou.

O secretário de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Cássio Tanigushi, informou que os moradores sabiam que estavam pagando por terrenos irregulares, por isso nenhum deles será realocado. No entanto, os moradores do Parque Vaquejada dizem que não invadiram a área e que foram

enganados por uma pessoa que vendeu os lotes como se fossem legais. Alguns chegaram a pagar até R\$ 12 mil pelos terrenos. "Compramos esse pedaço de chão achando que era legal e perdemos tudo. E agora como vamos ficar?", indaga o vigilante Francisco de Assis.

Enquanto o GDF põe em prática a operação força-tarefa para derrubar casas construídas em áreas irregulares, a Polícia Civil fica encarregada de investigar e identificar os grileiros que venderam estes lotes. Desde que o Siv-Solo iniciou, no último sábado, a retirada das famílias do Parque Vaquejada, investigadores da 19ª Delegacia de Polícia (Ceilândia) procuram os responsáveis por lotear e vender terrenos pertencentes ao GDF.

Segundo o delegado de plantão, Gustavo Araújo, diversos moradores do Parque Vaquejada procuraram a delegacia e prestaram queixa contra a pessoa que vendeu o lote. "Mas só poderemos autuar o responsável pelo parcelamento ilegal da área, que será enquadrado no crime de loteamento", contou.